

## ALGUMAS PERCEPÇÕES DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UMA COMUNIDADE DE FALA CAMPONESA: UMA BREVE OBSERVAÇÃO DE VIÉS SOCIOLINGUÍSTICO NA COMUNIDADE DO TATU\*

Neltinha Oliveira dos Santos (UFVJM)  
Carlos Henrique Silva de Castro (UFVJM)

**Resumo:** O presente artigo apresenta, de forma sucinta, questões teóricas que envolvem a homogeneidade e a heterogeneidade linguística, a fonética e a fonologia, variação diatópica e diastrática, abordando também, discussões que dão enfoque à influência de fatores externos que provocam reflexões a respeito da língua. A discussão é amparada na ótica da comunidade de fala que é defendida, principalmente, dentro da visão da sociolinguística laboviana. Willian Labov, desde a década de 1960, vinha criticando e apresentando um novo olhar a respeito da estrutura das línguas e os fenômenos da variação e da mudança linguística, comprovando a existência de fatores sociais que influenciam a língua. O artigo apresenta também, de forma breve, alguns dados de fala dos moradores da Comunidade do Tatu buscando explicar relações com as teorias gramaticais, por exemplo, o rotacismo do L pelo R e a queda do erre e do ele em fins de palavras. Discute, ainda, conflitos sociais e políticos que marcam historicamente a grande maioria das comunidades camponesas, revelando uma identidade linguística que é socialmente desprestigiada. O lugar (campo), a classe social (pobre) e a escolaridade (baixa), se somados, formam um conjunto de pessoas que é afetado pelo preconceito linguístico e pela desigualdade social.

**Palavras-chave:** comunidade do Tatu; homogeneidade; heterogeneidade; variação linguística; campo.

### 1. Introdução

A Comunidade do Tatu é uma dentre tantas outras comunidades situadas em ambientes campestres que, de alguma forma, compartilham saberes, valores, traços culturais, linguísticos etc. Está localizada a 14 km da cidade de Franciscópolis, possui em torno de trinta famílias e a maioria delas praticam atividades comuns, como: cultivo de hortaliças, plantio de lavouras anuais (milho, feijão e arroz), criação de pequenos animais (galinha e pato), produção de doces caseiros, queijo e requeijão.

No âmbito territorial, a Comunidade do Tatu está situada no Vale do Mucuri e, naturalmente, suas manifestações culturais que marcam as identidades do território, a exemplo do Giro da Bandeira na Folia de Reis, que preserva, como a Dança do Vilão formada por quatro dançarinos. Esse universo camponês evoca também o costume de ouvir a “*música raiz*”, que, nesse caso, são as modas de viola, sempre acompanhadas de personalidades locais, como os bons contadores de causos e mentiras.

Outros aspectos de partilha comuns na comunidade são as visitas nos finais de semana, as festividades religiosas (como as reuniões para as rezas de terços e novenas e as missas) e as reuniões de interesses comunitários. De modo geral, é possível perceber que esses aspectos compõem os elementos centrais de organização da comunidade e que a mantém em funcionamento, ou seja, une e reúne as pessoas em favor dos acontecimentos coletivos.

Bonnewitz (2003 *apud* BATTISTI, 2014, p. 02) aponta que a vida em sociedade/comunidade implica socialização, isto é, aprendizagem de normas, valores e crenças

---

\* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online

de coletividades que pautam suas práticas, suas ações e comportamentos. Essa organização comunitária que narra processos de comunicação e de acordos coletivos que estão diretamente interligados aos usos da língua e da linguagem, sendo que esses elementos contribuem para a formação de uma comunidade de fala e a sua variação linguística.

Labov (1972, p. 188 *apud* LIMA, 2010, p. 31) define comunidade de fala “(...) não como um grupo de falantes que partilha o mesmo código, ou utiliza as mesmas formas, mas sim como um grupo que se identifica pela mesma reação subjetiva frente a uma variedade linguística.” Nota-se uma preocupação de descentralização da língua enquanto estrutura para o envolvimento de fatores sociais que são importantes dentro da ótica da comunidade de fala.

Labov (1972 *apud* SEVERO, 2008, p. 02) fundamenta dois aspectos da comunidade de fala que são: “(...) as atitudes dos falantes em relação à língua e as regras gramaticais que eles compartilham.” Recobrando-se assim, tanto aspectos linguísticos quanto sociais, ou seja, normas sociais compartilhadas e características linguísticas semelhantes.

Quando se trata das características linguísticas, ou seja, aquelas que destoam do padrão linguístico normativo, elucida-se a discussão da variação linguística que é um dos aspectos da comunidade de fala. Bright (1974 *apud* LIMA, 2010, p. 20) explica que a “variação não acontece de uma forma livre, mas antes encontra correlação com as diferenças sociais.”

Segundo Possenti (1996, p. 35), “(...) não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam. Esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida”. Reiterando a discussão, Calvet (2002, p. 65) afirma que a língua não se reduz a um “instrumento de comunicação”, salientando que:

(...) existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. (...) as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico. (CALVET, 2002, p. 65).

Desse modo, Coelho *et al.* (2015, p. 23) explica que um fenômeno se encontra em variação quando “duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, i.e., com o mesmo significado.” Enumerando que “(...) dois requisitos devem, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam (i) ser intercambiáveis no mesmo contexto e (ii) manter o mesmo significado.”

É dentro dessa perspectiva que este artigo se orienta, buscando apresentar alguns aspectos linguísticos da Comunidade do Tatu e relacionando-os à teoria da sociolinguística no que diz respeito variação e mudança linguística e alguns pressupostos gramaticais. Ressalta-se que os dados coletados representam uma pequena amostragem e ainda não foram devidamente aprofundados, mas servem como porta de entrada para uma investigação linguística dentro de uma comunidade de fala que está localizada no campo.

## **2. Comunidade de fala: homogeneidade e heterogeneidade linguísticas**

A teorização sobre homogeneidade linguística aparece fortemente, no início do século XX, relacionada, principalmente, aos estudos de Saussure. Ele rompe com os estudos históricos e comparativos que existiam até então, e cria a corrente estruturalista que tem a língua como objeto de estudo. Coelho *et al.* (2019, p. 57) explica que para os estruturalistas existe um corte entre língua e fala e, nesse sentido, a língua passa a ser vista com um sistema de signos que

estabelecem relações entre si formando uma estrutura autônoma, desvinculada de fatores externos sociais, históricos e pontua a separação entre diacronia e sincronia. Ressalta-se a grande importância dos estudos de Saussure e, hoje, é considerado o Pai da Linguística.

A homogeneidade foi um dos aspectos criticados por muitos estudiosos, dentre eles, Meillet, Nicolai Marr, Mikhail Bakhtin, Uriel Weinreich, Marvin Herzog e William Labov. Vários fatores foram sendo incorporados à discussão da língua e da fala gerando tensões nas concepções que consideravam a língua estática e homogênea. Essas novas ideias apontavam para o caráter social e evolutivo da língua, a dinamicidade linguística, a língua como instrumento de poder, a língua na interação verbal e a própria teoria da variação e mudança linguística defendida por Labov dentro da Sociolinguística.

Entender a língua como um sistema imutável e o ideal do falante de estilo único passaram a ser posicionamentos amplamente criticados. Coelho *et al.* (2015, p. 22) narram uma breve apresentação da visão laboviana no que diz respeito a homogeneidade e a heterogeneidade linguísticas. Para eles:

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um ato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expressa da mesma maneira em diferentes situações de comunicação. (COELHO *et al.* 2015, p. 22).

Nesse sentido, Coelho *et al.* (2015, p. 23) discutem ainda que a ideia de heterogeneidade não implica desorganização, pelo contrário, reafirma que é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado. A própria competência linguística dos falantes comporta a heterogeneidade da língua, pois indivíduos de uma comunidade se entendem, se comunicam, apesar das variações ou diversidades linguísticas.

Do ponto de vista da homogeneidade, as regras são invariáveis e obrigatórias e, na heterogeneidade, aplica-se também as regras variáveis. A ordem das sentenças, por exemplo, sujeito + verbo que, em determinadas regiões do Brasil, é frequente o uso da ordem verbo + sujeito e, muitos estudos vão apresentar as situações reais em que essa variação ocorre.

O contexto social da comunidade de fala é um dos fatores externos que provoca mudanças na língua e que integra o pensamento da heterogeneidade linguística. Tudo isso compactua com a ideia de que “[p]ara lidar com a língua, é preciso olhar para os dados de fala do dia a dia e relacioná-los às teorias gramaticais (...)” (COELHO *et al.* 2015, p. 22).

### **3. Breve apresentação fonética: a fonologia de algumas palavras na Comunidade do Tatu**

Silva (2012, p. 23) define a fonética como “(...) a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana.” Por meio da observação das falas cotidianas de alguns moradores da Comunidade do Tatu, foi possível construir o quadro abaixo com elementos característicos da variação linguística do ponto de vista fonológico de um único fenômeno.

Escrita padrão do Português Brasileiro	Variação local – Comunidade do Tatu	Transcrição fonética
Alface	/Arfaci/	ar.f'a.si
Alma	/Arma/	'ar.ma
Salvar	/Sarvá/	sar.v'a
Caldeirão	/Cardérão/	kar.de.r'ẽw
Palmito	/Parmitu/	par.m'i.tõ
Palma	/Parma/	p'ar.ma
Calma	/Carma/	k'ar.ma
Malva	/Marva/	m'ar.va
Saltar	/Sartá/	sar.t'a
Almoçar	/Armucá/	ar.mu.s'a

A substituição do /l/ pelo /r/ é evidenciada em todas as palavras listadas, o que teoricamente denomina-se de rotacismo. Segundo Bagno (2006, p. 51), “(...) existe na língua portuguesa uma tendência natural em transformar em R o L dos encontros consonantais (...)”. O que neste caso, explica outras ocorrências nos dizeres locais como: /pranta/, /prantio/, /frô/, /praca/ etc.

Salienta-se, assim, que o rotacismo é um fenômeno de variação comum na língua portuguesa e, assim, fruto dos contextos socioculturais, que apenas representa as especificidades dos territórios e seus sujeitos, nas especificidades de suas produções enunciativas/comunicativas, sem nenhum prejuízo à interação de forma geral, como podem querer fazer crer alguns. No caso das palavras “alma” e “arma”, que na ocorrência do rotacismo são pronunciadas iguais /'ar.ma/, a solução apresentada pela comunidade é dizer, no primeiro caso, “/'ar.ma/ que vai para o céu” e, no segundo caso, “/'ar.ma/ de fogo.”

Reitera-se, então, que a teoria laboviana de variação e mudança linguística em que é defendida a competência dos falantes para lidar com regras variáveis da língua. Nesse sentido, pode-se notar que a comunidade articula e cria soluções para as implicações da fala que surgem no dia a dia, certificando-se que essas mudanças não revelam uma situação caótica da língua.

#### 4. Variação linguística: o lugar, as diferenças sociais e o envelhecimento do campo

Partindo do princípio de que toda língua muda, é perceptível alguns fatores que impulsionam essas mudanças como, por exemplo, a região, a classe social e a faixa etária. Ilari e Basso (2007, p. 175) explicam que a variação diatópica pode ser entendida pelas “(...) diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países.” No Brasil, essa variação é claramente percebida, principalmente, quando ouvimos os sotaques das diferentes divisões geográficas.

Ainda conforme as definições de Ilari e Basso (2007, p. 175), a variação diastrática no português brasileiro se dá pelas “diferenças entre o português falado pela parte mais

escolarizada da população (que, não por acaso, é também a parte mais rica ou menos pobre) e pela parte menos escolarizada.”

As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre (i) o local de onde viemos, (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, (iii) quando nascemos, (iv) com que grupo nos identificamos (...) (COELHO *et al.*, 2015, p. 25).

Os moradores da Comunidade do Tatu são, em grande parte, de baixa ou nenhuma escolaridade. Perguntados sobre o acesso à educação escolar, as respostas são sempre idênticas: “Nunca fui na escola.”, “Não podia estudar por causa do trabalho.”, “Sei escrever só o meu nome.”, “Só sei ler o alfabeto.”, “Só sei ler os números e fazer continhas.”, “Estudei até a primeira série.” e “Estudei até a quarta série antiga.”

Em se tratando de comunidades camponesas, esses relatos perpassam a história de muitos moradores e essas condições sociais e políticas revelam o distanciamento escolar e traz consigo um delineamento linguístico que também se distancia do uso da língua portuguesa padrão. Somando-se a isso, regiões camponesas mineiras são marcadas pelo uso de determinados arcaísmos linguísticos e traços estigmatizados como: queda do erre em fins de palavra, queda do ele em fins de palavras, a troca de /lh/ por /i/ dentre outros.

Ilari e Basso (2007, p. 163) afirmam que “(...) nem sempre é fácil separar o que é diatópico do que é diastrático (...) como regra geral, os traços tipicamente regionais aparecem com mais nitidez nas falas mais informais (...)” Nesse sentido, é de uso comum na Comunidade do Tatu algumas palavras que são de variedades não-padrão ou socialmente avaliadas como “jeito de falar dos antigos”.

<b>Variedade não-padrão</b>	<b>Significação coletiva</b>
Arreda essa cadeira	Afastar ou retirar de algum lugar
Não carece de vergonha	Não precisa, não é necessário
Lacuaca danada	Bagunça, barulho
O tempo está inverem	Duvidoso, não tem certeza
A pessoa veio lá do istogó	De muito longe, não tem noção da distância
Não delata não	Sem demora
A pessoa cantou galopeira	Não deu conta de cumprir a tarefa
Que menina istovada	Pessoa que é desastrada
Parecendo égua velha	Pessoa cansada que fica escorando em qualquer lugar
Que trupelo	Algo que deu errado
Que fragelo	Algo que deu errado
Roupa alvinha ou espelhando	Roupa muito branca

Outros contextos sociais que têm relação com o fenômeno linguístico na Comunidade do Tatu advêm do processo de envelhecimento da população em função do êxodo rural de grande parte dos jovens. A faixa etária é um condicionador que implica mudança no indivíduo e na comunidade. Coelho *et al.* (2019, p. 87) explicam que:

(...) o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos na puberdade, e que a partir desse momento o vernáculo do indivíduo fica basicamente estável – ou seja, o indivíduo não muda sua língua espontânea no decorrer dos anos. Nesse caso, indivíduos adultos estariam refletindo o estado da língua adquirida quando tinham cerca de 15 anos de idade. (COELHO, 2019, p. 87).

Isso mostra que as falas dos indivíduos da Comunidade do Tatu tendem a permanecer estáveis, ou seja, com baixa variação e sem mudança, o que é diferente dos jovens que passam a frequentar com grande intensidade outras comunidades de fala, principalmente, em ambientes urbanos. Coelho *et al.* (2019, p. 87) explicam que, essas experiências ao longo da vida, provocam variação na fala que podem não significar mudança linguística, ou seja, “o uso linguístico diferenciado pelas faixas etárias não revela mudança, mas variação estável.”

Em suma, esses autores apresentam quatro processos que podem ocorrer quando se trata da questão da faixa etária, sendo eles: “(...) a fala do indivíduo permanece estável e a comunidade muda; a fala do indivíduo permanece estável e a comunidade também permanece estável; a fala do indivíduo muda e a comunidade permanece estável; a fala do indivíduo muda e a comunidade também muda” (COELHO *et al.* 2019, p. 88). Assim, notamos que esses processos se entrelaçam, em um processo de construção cultural construído pelas interações do dia a dia por meio da língua, como explica o conceito línguacultura (CASTRO, 2019), traduzido a partir do inglês *linguaculture* (AGAR, 1994; 2006). Para Agar (1994),

[a] língua, em todas as suas variedades, em todas as formas que aparece no dia a dia, constrói um mundo de significados. Quando você encontra diferentes significados, quando você se torna consciente de seu próprio trabalho na construção de uma ponte que o ligue aos outros, “cultura” é o que você está planejando fazer. A língua preenche os espaços entre nós com som; a cultura forja a conexão humana por meio deles. A cultura está na língua, e língua é carregada com cultura (AGAR, 1994, p. 28).

Assim, a língua da Comunidade do Tatu traz suas culturas e essa línguacultura é rica de sentidos e significados, tal qual os sujeitos que a constroem em seus cotidianos camponeses.

## 5. Considerações finais

Para além das questões que envolvem a fonética, a fonologia e a morfologia, é necessário investigar com mais afinco os elementos externos da variação linguística, como apontamos ao longo do texto, avançando, até mesmo, às questões que envolvem comportamento linguístico, a variação discursiva, à identidade camponesa, aos diálogos e aos sentidos das diversas comunidades rurais, uma vez que são parte de uma comunidade maior, à qual damos o nome de país, que deve protegê-las e respeitá-las. Há uma diversidade de estudos que explicam, do ponto de vista gramatical, inúmeras ocorrências de variação e mudança do português brasileiro, contudo, os fatores sociais carecem de análise, principalmente, quando se trata de uma comunidade camponesa.

Para além da questão da variação linguística, descortinam-se, ainda, conteúdos discursivos que revelam os desafios de morar no campo, bem como, a dicotomia campo e cidade. Dicotomia esta que leva ao preconceito linguístico, sofrido pelas populações camponesas, que gera uma condição de fragilidade e de incapacidade dentro de um processo de legitimação de ocupação nos espaços de participação política e social.

Calvet (2002, p. 12) defende que “(...) as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Falar do plantio das lavouras, compreender o uso das palavras que estão ligadas a essa atividade, dominar a técnica de cultivo preservando ensinamentos transmitidos ao longo das gerações, significa contar a história dos moradores da comunidade e revelar um determinado domínio linguístico que está ligado a essa prática, bem como todos os aspectos culturais que essa línguacultura carrega (CASTRO, 2019).

Na vida cotidiana da comunidade, conversas sobre língua e linguagem não são comuns, normalmente; da mesma forma, não se nota reflexões externadas sobre os conflitos sociais existentes ao desprestígio linguístico, à questão territorial e à desvalorização identitária. No

entanto, a comunidade resiste por meio da sua forma de organização coletiva e das práticas diárias que indicam relações de socialização, transformação e adaptação, configurando um conjunto de acontecimentos revelando resistência, sentimento de pertencimento que comungam na garantia de uma forma de vida no campo.

Para além de especificidades que tentamos chamar atenção, uma comunidade de fala não está isolada e muitas semelhanças podem ser notadas quando contrastadas com outros contextos socioculturais e linguísticos. Para Wiedemer (2009), a fluidez dos indivíduos dentro de uma ou mais comunidades de fala favorece a criação de redes sociais e comunidades de prática por meio de um processo de aceitação e colaboração. De forma breve, comunidades de prática podem ser descritas, de acordo com o conceito de comunidades de prática (CoP, do inglês *Community of Practice*) de Wenger *et al.* (2002), como grupos sociais com três elementos fundamentais: um domínio de pensamento, como um tema/interesse comum, um grupo de pessoas interessadas pelo domínio e que, em prol desse domínio, constroem diferentes práticas.

Assim, investigar as atitudes discursivas de camponeses, o significado do campo como lugar de origem em seus discursos, o pertencimento às comunidades, as práticas cotidianas e as mudanças culturais, suas vivências e seus saberes, tem grande potencial etnográfico que, por sua vez, podem contribuir para se conhecer e dar voz a comunidades como a do Tatu. O que, certamente, pode resultar em valiosas trocas e colaborações, além da desejável quebra de uma certa lógica social que privilegia o *status quo* e invisibiliza e marginaliza a diversidade, a exemplo da campesina.

## 6. Referências

AGAR, M. *Language Shock: understanding the culture of conversation*. New York: Harper Collins, 1994.

\_\_\_\_\_. Culture: Can you take it anywhere? *International Journal of Qualitative Methods*, v. 5, n. 2, jun. 2006b. Disponível em: <[http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5\\_2/pdf/agar.pdf](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/agar.pdf)>. Acesso em: 24 out. 2020.

BAGNO, M. *A língua de Eulália. Novela sociolinguística*. São Paulo, Contexto, 1997.

BATTISTI, E. *Redes Sociais, Identidade e Variação Linguística*. In: Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.

CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTRO, C. H. S. de. *As culturas do Grupo Texto Livre: um estudo de viés etnográfico sob a ótica da complexidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2019.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015. (Capítulos: O estudo da linguagem no contexto social (p. 11-54); A teoria da variação e mudança linguística (p. 55-97).

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos: a língua que falamos*. 1. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007.

POSSENTI, Sírío. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Mercado de Letras, 1996.

SANTOS, Lanuza Lima. *A ordem verbo-sujeito: uma análise sociolinguística da fala popular do interior do Estado da Bahia*. 2010;

SEVERO, Cristine Gorski. *A comunidade de fala na Sociolinguística laboviana: algumas reflexões*. Revista Voz das Letras, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, nº 9, 2008.

SILVA, Thaís Cristófaró. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

WENGER, Etienne; McDERMOTT, Richard; SNYDER, William M. *Cultivating Communities of Practice*. Boston: Harvard Business School Press, 2002.

WIEDEMÉR, Marcos Luiz. *Ampliação da noção teórica da comunidade de fala na pesquisa sociolinguística*. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.